

Resenha:
Viagem Sentimental, de Viktor Chklóvski

Rafael do Amaral Prudencio¹

Viagem Sentimental figurou durante muito tempo como uma obra proibida. Isso porque o nome de Viktor Chklóvski esteve na lista dos envolvidos em atos terroristas contra os bolcheviques. O livro, escrito originalmente em russo, é dividido em duas partes: a primeira (“Revolução e Front”), redigida em 1919, em meio ao cerco de Petersburgo pelo Exército Branco, e publicado em 1921 pela própria editora do autor; a segunda (“Escrivantina”), redigida em 1922 em Berlim, quando o autor já estava exilado. Em 1958, *Viagem Sentimental* esteve na lista dos livros proibidos pelo governo. Em 2002, a obra reapareceu completa na Rússia e, em 2018, em meio às celebrações do centenário das Revoluções de 1917, a obra ganhou uma edição brasileira pela Editora 34 com tradução inédita e direta do russo, feita por Cecília Rosas.

A obra retrata um período de grandes transformações sociais da Rússia: os últimos meses da participação do país na Primeira Guerra Mundial, a Revolução de Fevereiro, a Revolução de Outubro e o início da Guerra Civil. É importante mencionar que não se trata de um diário de guerra escrito no calor do momento, mas sim um livro de memórias organizado anos após os acontecimentos. Na tentativa de mimetizar o caos daquele período, os fatos não são narrados de maneira linear. No início da obra, já estamos diante do caos instaurado em Petersburgo. O clima de incerteza, a agitação partidária, o povo se jogando contra a polícia, a polícia se jogando contra o povo, patrulhas indecisas, civis em grupos com roupas de policiais, a cidade invadida pelo barulho de batidas de carros, armazéns invadidos por civis querendo armas, oficiais em reuniões internas, soldados divididos, a ingenuidade e a crença geral de que tudo aquilo terminaria por si só.

Como motorista de blindados do Governo Provisório russo, o narrador é convocado para o front, enviado à Ucrânia onde tem a missão de tentar fazer as tropas, desanimadas, prestes a desistir, avançar.

Com essa sensação de que uma força cega e arrebatadora atropelava a todos, fui para o front. Eram os primeiros dias de junho. Já havíamos comemorado o 1º de maio da nossa revolução. A cidade toda vivia a revolução. As ruas fervilhavam com manifestações efêmeras. A vida privada parecia pálida. E assim eu parti e fui parar em outro mundo. (CHKLÓVSKI, 2018, p. 46)

Após ser ferido e passar um tempo se recuperando no hospital, o narrador é novamente convocado para o front. Dessa vez vai à Pérsia para resgatar suas tropas. O que encontra são regiões destruídas e um povo à beira da miséria. A partir desse encontro, vai ficando cada vez mais clara a culpa do narrador, através de seu olhar mais atento e sensível, pelas atrocidades dos russos. Talvez isso se explique em parte pela ascendência judia do narrador. No oriente, ele nos revela que não tinha antissemitismo, enquanto na Rússia era muito forte. No episódio em que um judeu é morto sem razão nenhuma pelos russos, o narrador sente e sofre como se ele próprio tivesse o matado.

¹ Mestrando em Estudos Literários Aplicados: Literatura, Ensino e Escrita Criativa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A forma fragmentada e não linear contribui não só para dar velocidade à narrativa, mas também para deixar uma série de lacunas. O narrador, tal qual o historiador-materialista de Walter Benjamin, atua como o catador de trapos que salva os cacos do passado, aparentemente sem valor, e os reordena. É importante mencionar que se trata de um ponto de vista particular que pode e deve ser questionado à luz da historiografia. O que não tira, de maneira nenhuma, sua relevância. Percebemos, por exemplo, algumas indefinições e imprecisões quanto às datas. Quando elas surgem é com uma certa dúvida, como quando o narrador não tem certeza do ano de seu casamento. Além do mais, é nítida a ausência de Lenin e Trotsky nos relatos, figuras tão importantes e decisivas para a revolução. A posição política do narrador também não fica muito clara e essa indefinição expõe, de certa maneira, a tristeza e decepção dele. Um episódio emblemático é quando ele descreve a morte do irmão e nos coloca que tanto poderiam ter sido os mencheviques quanto os bolcheviques que o fuzilaram, mostrando que os dois lados eram igualmente capazes de cometer atrocidades.

Viagem Sentimental é também um livro sobre o papel da escrita. Walter Benjamin, em *Experiência e Pobreza* (1985), observa, no retorno dos combatentes de guerra, o silêncio ao voltar para casa. Esse silêncio, de acordo com o autor, fez com que eles retornassem mais pobres em experiências. A dificuldade em representar a guerra é apontada pelo narrador de *Viagem Sentimental* em inúmeras passagens. “É muito difícil escrever sobre a guerra, de tudo o que li, como descrição verossímil só consigo me lembrar de Waterloo em Stendhal e das cenas de batalha em Tolstói” (CHKLÓVSKI, 2018, p.92) Em outra passagem, o narrador nos expõe a guerra como experiência traumática. “No front, o inimigo é uma realidade, é visível – se você vai para a casa, ele vai atrás de você” (CHKLÓVSKI, 2018, p. 93)

Se a escrita já se coloca importante pelas recorrentes interrupções em que o narrador assume que está escrevendo, o papel dela se torna ainda mais marcante na segunda parte da obra, quando os bolcheviques já assumiram o poder e perseguem qualquer um que se oponha ao governo. Dentre eles, o narrador, que passa a ir de um lugar para outro para sobreviver. Diante da escassez de comida, dinheiro, roupas quentes, uma onda de cólera, em um exílio tão cruel, ainda assim há espaço para a escrita. Talvez seja justamente a escrita uma das responsáveis pela sua sobrevivência. Um episódio que vale destacar é quando, com uma baioneta entre as pernas, ele escreve um artigo. Em meio a esses problemas, há também espaço e motivação para encontros com outros artistas, dentre eles Maksim Górkí, para discutir literatura, traduzir obras canônicas ou ministrar aulas de escrita.

É difícil encaixarmos *Viagem Sentimental* em algum gênero literário, uma vez que a obra apresenta elementos muito híbridos, como do romance, conto, depoimento, relato de viagem, causos, poesia. Sérgio Alcides, no prefácio à edição brasileira, classifica *Viagem Sentimental* como um “memorialismo de Vanguarda”. Viktor Chklóvski, um dos fundadores da escola formalista, parece fazer de sua obra um local de *estranhamento*. A linguagem prosaica, defende ele em seu famoso ensaio “A arte como procedimento”, sofre um processo de automatização que esvazia a vida. “Assim a vida desaparece, transformando-se em nada. A automatização engole os objetos, as roupas, os móveis, a mulher e o medo da guerra.” (CHKLÓVSKI, 2013, p. 91) Há, no entanto, algo que possa resgatar a vida, e isso é a obra arte.

Viagem Sentimental parece ser uma busca. A busca de um exilado para reorganizar sua experiência nos conflitos do início do século XX na Rússia, a busca para organizar sua experiência no front, a busca para contar, assumindo para si a culpa e, em alguma medida, tentando se redimir dela ao contar a história dos povos e regiões do oriente, na

maioria das vezes esquecidos. Primo Levi, no prefácio de *Isto é um homem* nos revela que “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, 1988, p. 9) Ao ser interrogado pela *Tcheka*, o narrador de *Viagem Sentimental* revela com um bom humor: “Contei a ele sobre a Pérsia. Ele escutou, o soldado da escolta escutou e até outro detido que havia sido trazido para um interrogatório escutou. Me deixaram ir. Sou um contador de histórias profissional”. (CHKLÓVSKI, 2018, p. 199)

Referências

- BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza” In: *Magia e técnica, arte e política*; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. – São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHKLÓVSKI, Viktor. “A arte como procedimento” In: TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*; tradução Roberto Leal Ferreira. – 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- _____. *Viagem sentimental*; tradução e notas de Cecília Rosas; apresentação de Bruno Barreto Gomide; posfácio de Galin Tihanov. – São Paulo: Editora 34, 2018.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?*; tradução de Luigi Del Re. – Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Recebido em: 04/09/2019; Aceito em: 04/10/2019